

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Rose Elaine da Silva(1), Cíntia Inês Boll (2)

(1) Aluna do Curso de Especialização em Tutoria em Educação a Distância, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil - e-mail: rose.ro.silva@gmail.com

(2) Orientadora, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil - e-mail: cintia.boll@ufrgs.br

Resumo:

O surgimento da educação a distância como instrumento de educação formal tem sido uma experiência muito discutida nos nossos dias, gerando polêmica entre os educadores mais formais que ainda atuam com a educação tradicional. Por intermédio da experiência de ação em tutoria, atuado num pólo de educação à distância, esse artigo busca analisar as vantagens e as dificuldades nessa modalidade de ensino, bem como apresentar as opiniões de tutores, frente as dificuldades encontradas. Para o levantamento de dados, serão entrevistados alguns tutores do Pead. Dos apontamentos apresentados, a educação à distância surge como uma alternativa moderna para as questões de acessibilidade e qualidade de ensino. E a Tutoria surge como elemento crucial para quem busca a formação em nível de graduação.

Palavras-chaves: Educação a Distância, Tutoria, Ensino Superior

Direito a Educação

Estamos vivendo em uma época em que o direito à educação de qualidade para todos já é uma conquista considerada prevista pela Constituição da República Federativa do Brasil. Apesar de estar explícita nesse documento legal, é preciso considerar o conceito “qualidade” em seu contexto, pois ele pode variar de cultura para cultura, de sociedade para sociedade, como bem nos posiciona MOREIRA E KRAMER (2007, p.1.044):

O conceito de qualidade é historicamente produzido, não cabendo, portanto, pensá-lo em termos absolutos. Pressupõe uma análise processual, uma dinâmica, assim como a recuperação do específico e o respeito às condições conjunturais. Trata-se, em síntese, de concepção formulada com base em um arbitrário sociocultural e norteadas por demandas distintas e mutáveis.

É possível afirmar que nos dias de hoje “qualidade” para muitas realidades deste país é poder matricular-se em uma escola, ter acesso ao estudo formal. Sobre isso, um dos quesitos presentes nessa discussão é o que se chama de integralidade de acesso, garantida para a educação básica¹. Já nos outros níveis de ensino, como o ensino médio e superior, a realidade é outra; temos poucos chegando ao nível de graduação². Citando Nunes (2007, p.113), é possível afirmar que...

A despeito desses números significativos, o Brasil ainda ocupa uma posição frágil, senão vexatória, quando se comparam os números relativos a adultos brasileiros portadores de diploma superior com adultos de outros países selecionados. Ao final do século XX, com pouco mais de 6% da população adulta com educação superior, o Brasil se contrapunha ao Canadá, que, com cerca de 40%, apresentava percentual superior ao dos Estados Unidos, Japão e de tantos outros países. A propósito, como demonstra a figura 1, diante desses números, recorrer a outros indicadores para entender o que mais nos separa desses países em termos de qualidade de vida, capacidade técnica, índices de desenvolvimento humano ou, mesmo, para evidenciar o enorme hiato que nos distancia é quase um pleonasmo. Afinal, a média para os países da OCDE aproxima-se dos 25% do total da população adulta com educação superior.

¹ <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/sinopse/sinopse.asp>

² Em recente divulgação da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, intitulada Ensino superior numa era de globalização: Políticas nacionais de inclusão social e de financiamento. Acesso ao ensino superior em São Paulo e no Brasil: Índices e comparações internacionais, percebe-se que a situação do ensino superior no Brasil permanece precária, com o índice muito inferior em relação a outros países, ficando na casa dos 8% da população adulta com a formação referida. Trabalho pesquisado através do site <http://aol.universia.com.br/materia/img/ilustra/2007/dez/artigo/ALESP-dez-2007.pdf>, acesso em março de 2010

Com apenas 8% da população adulta do país com a formação superior completa, percebemos a necessidade de investimentos nessa área, permitindo que o Brasil tenha uma melhor posição frente aos demais países. Fica claro que muito ainda precisa ser feito para que o Brasil consiga atender a toda a população, e proporcionar acesso a mais pessoas para que alcancem maiores níveis de ensino.

Contudo, existem grandes correntes e frentes de trabalho, como os movimentos governamentais, ONG's³, que buscam levar o conhecimento presente no nível de ensino da graduação, pós-graduação e extensão para uma parcela cada vez crescente, propiciando uma educação inovadora, nunca antes pensada, fora do modelo tradicional de professor e aluno em uma sala de aula presencial, utilizando recursos tecnológicos antes vistos como um entrave para a pesquisa e para o aprendizado, por ser considerado como um instrumento de dispersão e não de aproximação com o aprendizado⁴.

A utilização dos meios tecnológicos em benefício da educação tem gerado muitas discussões, principalmente entre as linhas mais tradicionais da educação. Pode-se citar a inclusão de uma parcela significativa da população de educadores jovens e adultos, retornando ou entrando para os bancos escolares. E, para isso, a educação à distância tem colaborado para a permanência desses educadores que talvez não participassem do movimento tradicional de ensino em função do pouco tempo que dispõem para se deslocar presencialmente até as salas de aula de uma faculdade presencial. BELLONI (2002, p. 139):

A educação está se transformando tanto em termos de finalidades sociais quanto no que diz respeito a estratégias e modalidades, notadamente com a introdução de meios técnicos e com a tendência a uma maior flexibilidade de acesso, currículos e metodologias. A educação a distância surge neste quadro de mudanças como mais um modo regular de oferta de ensino, perdendo seu caráter supletivo, paliativo ou emergencial, e assumindo funções de crescente importância, principalmente no ensino pós-secundário, seja na formação inicial (ensino superior regular), seja na formação continuada, cuja demanda tende a crescer de modo exponencial, em virtude da obsolescência acelerada da tecnologia e do conhecimento.

³ Podemos citar ONG's como a CUFA – Central Única das Favelas; o Movimento Viva Rio, o Projeto Royale, entre outras.

⁴ Como participo de movimentos educativos não formais e trabalho diretamente com educação à distância, como tutora, no pólo de educação à distância da UFRGS desde 2006, tenho observado que muitas vezes os professores criticam o avanço das TICs- TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, nos espaços escolares. No ensino regular, que também atuo, freqüentemente ouço os professores dizerem que os alunos ficam dispersos, ansiosos com o uso da tecnologia.

Fica claro que, cada vez mais, a educação à distância ganhará espaço na sociedade em que vivemos, seja pela possibilidade de organização do tempo, comodidade sem a necessidade de deslocamento, ou por tantos outros fatores que facilitam o processo de ensino-aprendizagem. Complementa o autor:

Nas sociedades contemporâneas, “do conhecimento” ou “da informação”, a formação inicial torna-se rapidamente insuficiente e as tendências mais fortes apontam para uma “**educação ao longo da vida**” (*lifelong education*) mais integrada aos locais de trabalho e às necessidades e expectativas dos indivíduos. São estes dois grandes desafios que os sistemas de ensino superior enfrentam agora e para os quais a educação a distância pode contribuir: expansão significativa e diversificação da oferta de formação inicial, para atender à demanda decorrente da expansão do ensino secundário; criação de novos modos de formação continuada adequada às demandas do mercado de trabalho “pós-fordista” (Belloni, 1999). Tudo isto sem perder de vista os ideais humanistas de formação do cidadão crítico e criativo, capaz de pensar e de mudar o mundo. (BELLONI, 2002, P.139)

Essa modalidade de ensino, contudo, é muito recente considerando o período histórico em que a educação faz parte das nossas vidas, principalmente se pensarmos nela como transformadora da sociedade em que vivemos, visto que anteriormente a educação era encarada apenas como reprodutora, bancária, e não como transformadora, bastando a transferência de conteúdos. SANTOS (2008) concorda quando afirmamos que a interface entre os meios tecnológicos e a educação é muito recente:

Considerados apenas os últimos sessenta anos, é notável a mudança radical ocorrida na forma de execução da maioria das tarefas cotidianas. A implementação do primeiro computador eletrônico em meados da década de 40 trouxe consigo uma revolução maior do que qualquer outra já experimentada pela humanidade desde a invenção da roda. As últimas décadas nos trouxeram a microinformática e o conceito de redes de comunicação. A popularização da informática e o desenvolvimento tecnológico que suportou o aparecimento das redes eletrônicas possibilitaram a implementação de facilidades até então imaginadas apenas em livros de ficção científica. Em meio a esta transformação tecnológica e social, o processamento (como forma mais ampla de descrever todas as fases de manipulação) de informação tornou-se elemento vital para o desenvolvimento das sociedades e elevação dos padrões de qualidade de vida da humanidade.

Na Educação a Distância, professor e aluno encontram-se eventualmente no mesmo espaço físico, sendo que seu maior vínculo é virtual. A comunicação se dá por meio de duas vias pelo professor e pelo aluno, existindo a troca constante de informações entre eles. Juntos realizam o processo de ensino-aprendizagem em que o computador é o ponto crucial para esse acontecimento. Essa comunicação feita por intermédio dos meios eletrônicos disponíveis é

constante e necessária, sendo que o aluno vai utilizar-se desse meio para solicitar auxílio e responder as tarefas do professor, bem como o professor vai requisitar tarefas, transmitir informações, etc. GATTI (2008, p. 65) destaca a importância que a educação à distância tomou após o seu surgimento:

É preciso considerar que a educação a distância passou a ser um caminho muito valorizado nas políticas educacionais dos últimos anos, justificada até como uma forma mais rápida de prover formação, pois, pelas tecnologias disponíveis, pode-se flexibilizar os tempos formativos e os alunos teriam condições, quando se trata de trabalhadores, de, em algumas modalidades de oferta, estudar nas horas de que dispõem, não precisando ter horários fixos, o que permitiria compatibilização com diversos tipos de jornadas de trabalho. (...)

As Tecnologias da Informação e Comunicação- TICs possibilitam mudar a educação nas Universidades e outras instituições de ensino e mesmo nas escolas regulares, pois o aluno tem uma aprendizagem em contato direto com o virtual, ou seja, a internet, que está acrescentando novas dimensões para a aprendizagem. BOUCHARD (2002, p. 71) coloca que: “Aquilo que chamamos de formação à distância é definido de maneira geral a partir da noção de distanciamento físico, isto é, do espaço geográfico que separa a pessoa que aprende dos recursos úteis à sua aprendizagem. (...)” Assim, nesse novo momento da educação a necessidade de encontros presenciais entre os alunos e professores vai se perdendo, bem como a ideia de que o professor transmite o conhecimento, pois o aluno torna-se um pesquisador e construtor do próprio desenvolvimento, situação que ocorre no ensino regular, mas é potencializada no ensino à distância.

O papel que o professor tem nesse novo contexto de ensino à distância, inicialmente, foi questionado. Hoje acredita-se como DEMO(2003), BELLONI(2002), entre outros, que ele desempenhará, nessa modalidade de ensino, papel tão fundamental como o já conhecido e desempenhado pelo professor na educação presencial, uma vez que o aluno mantém contato constante e direto com o educador.

DEMO (2003, p. 198) afirma sobre a importância do professor na educação à distância:

Um dos mitos mais baratos da teleducação é a dispensa do professor, sob o postulado abusivo de que é possível estudar à distância. Certamente, é possível estudar à distância, porque o esforço reconstrutivo pessoal pode ser feito em qualquer lugar, também e muitas

vezes sobretudo fora da escola e da universidade. Entretanto, a distância, sozinha, não educa. Pode apenas ser maneira mais cômoda de estudar, dispensando presenças desnecessárias, como ficar todos os dias assistindo aulas expositivas e reprodutivas. A teleducação teve de descobrir, talvez a contragosto, que a aprendizagem adequada exige momento de reconstrução pessoal, bem como a necessária ambiência humana.

O professor não perde o seu *status* no processo ensino-aprendizagem nessa nova modalidade de ensino, apenas a forma como se dá o processo é que se altera, não se utilizando mais lousa e cadernos, mas sim, computadores e tecnologias. Isso cria uma gama infinita de possibilidades, pois o quadro negro se transforma no mundo virtual, em que temos acesso às mais diversas informações que, direcionadas com qualidade pelo professor, tornam-se conhecimentos e aprendizagens. DEMO (2003, p. 200) continua:

Destarte, a teleducação não dispensa o professor, embora agregue a seu perfil outras exigências cruciais, como saber lidar com materiais didáticos produzidos com meios tecnológicos, trabalhar em ambientes diferentes daqueles formais da escola ou da universidade, acompanhar ritmos pessoais, conviver com sistemáticas diversificadas de avaliação. Sob este ângulo, o professor se torna tanto mais valorizado, recebendo como função central na teleducação cuidar menos da “tele”, do que da “educação”. Por isso mesmo, a qualidade de teleducação passa crucialmente pela qualidade deste professor.

Na educação formal tradicional, o aluno acaba participando de aulas presenciais nas quais existem mais 30 ou 40 colegas na mesma sala de aula, sendo possível para o ele não participar de maneira marcante e que contribua para o seu aprendizado significativo. Já no ensino à distancia o aluno se vê obrigado (afinal, não tem outra maneira de participar dessa modalidade de ensino) a produzir o conhecimento e fazer o contato direto com o professor, desenvolvendo uma relação muito estreita e real com o ele, permitindo que o processo de ensino-aprendizagem seja facilitado pela mediação realizada, de preferência pelo professor competente referido pelo autor acima mencionado.

A disciplina, entendida nesse momento como fator fundamental para a organização e dedicação aos estudos, é necessária, pois o aluno é obrigado a ter uma rotina de estudo, determinando seus horários para a realização das atividades, leituras, fóruns, seminários e trabalhos a ser entregues nas datas solicitadas. Sobre as vantagens do ensino à distância, entre elas as já citadas assim como a comodidade e organização, podemos citar SANTOS (2008) quando afirma:

Das vantagens acima listadas é possível inferir que a Educação à Distância democratiza o acesso à Educação, atendendo a alunos dispersos geograficamente e residentes em locais onde não haja instituições convencionais de ensino. Exigindo menor quantidade de recursos financeiros. Propicia uma aprendizagem autônoma e ligada à experiência dos alunos, que não precisam se afastar do seu local de trabalho. Promove um ensino inovador e de qualidade, garantindo o acompanhamento dos tutores, para tirar dúvidas, incentivar e avaliar os alunos. Incentiva a Educação Permanente, permitindo a atualização e o aperfeiçoamento profissional daqueles que querem aprender mais. Permite que o aluno seja realmente ativo, responsável pela sua aprendizagem e, principalmente, aprenda a aprender.

Portanto, o aluno que se encontra em uma relativa chance de estar mais atualizado, por ter acesso às TICs de forma mais efetiva, tendo a possibilidade de atingir a máxima do ‘aprender a aprender’.

Nesse sentido, o aluno acaba sendo envolvido pelas suas aprendizagens no ensino à distância. O aluno sente-se desafiado a buscar por ele mesmo suas perguntas e suas respostas, acreditando nas possibilidades de encontrar o seu caminho nesse processo de ensino. Para SARAIVA (1996, p. 27):

As tecnologias da informação aplicadas à EAD proporcionam maior flexibilidade e acessibilidade à oferta educativa, fazendo-as avançar na direção de redes de distribuição de conhecimentos e de métodos de aprendizagem inovadores, revolucionando conceitos tradicionais e contribuindo para a criação dos sistemas educacionais do futuro.

Frente a todas as colocações anteriores, podemos concluir que a educação à distância surge no cenário nacional para beneficiar fortemente o ensino, levando a educação, seja ela em nível de graduação ou extensão, para as pessoas que não têm acesso a educação tradicional, como que moram em lugares geograficamente desfavoráveis, bem como as pessoas que não têm tempo para se deslocar até uma instituição de ensino presencial.

É preciso, nesse processo, ainda significar o papel do “tutor em educação à distância”. Esse difere do professor da disciplina quando auxilia o aluno na realização de suas atividades acadêmicas, tendo um papel fundamental na função de mediar a relação professor/aluno. Referente a essa função existente no ensino à distância, podemos citar BARBOSA e REZENDE (2006, p. 476), que trata sobre as funções dos tutores:

Garcia Aretio (2001) apresenta três funções para o tutor: a função orientadora, mais centrada na área afetiva, a função acadêmica, mais relacionada ao aspecto cognitivo, e a função institucional, que diz respeito à própria formação acadêmica do tutor, ao relacionamento entre aluno e instituição e ao caráter burocrático desse processo.

A função orientadora se apóia nos processos de *integralidade* – orientação dirigida a todas as dimensões da pessoa; *universalidade* – orientação dirigida a todos os orientandos; *continuidade* – orientação durante todo o processo de ensino-aprendizagem; *oportunidade* – orientação nos momentos críticos da aprendizagem; e *participação* – todos os tutores devem participar do processo de aprendizagem do aluno matriculado em mais de uma disciplina na mesma instituição.

A tutoria

Nesse sentido, o papel exercido pelos alunos para a realização das suas tarefas e pesquisas acaba sendo totalmente influenciado por este mediador pedagógico, o tutor, que precisa ser, acima de tudo, um educador também a fim de poder estabelecer o dialogo necessário entre todos os atores desse processo.

Também é necessário abordarmos a infraestrutura do curso à distância. É preciso pensar não só na qualificação dos profissionais envolvidos, professores e tutores, por exemplo, como também na tecnologia como hardware, software, programas educativos atualizados, bibliotecas multimídias, acessibilidade, acesso a internet e salas de aula presenciais, a fim de que, as aulas possam ser sempre interessantes e instigantes com o objetivo de garantir a inclusão e permanência dos alunos.

Na tentativa de discutir esta aparente dicotomia presente na perspectiva da inclusão/exclusão digital, entre os trabalhadores da educação participantes do Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício no Ensino Fundamental que hoje são alunos do PEAD, é preciso considerar as *desigualdades digitais* de acesso a partir de algumas variáveis, tais como: 1) as condições de acesso e conectividade; 2) a acessibilidade a rede e recursos; 3) o domínio e uso destas tecnologias e; 4) fluência na utilização. (...) MEIRELLES E BOLL(2005, P.3)

Uma das maiores dificuldades para a permanência desses educandos pode estar relacionado ao domínio das tecnologias, pois para muitos deles as tecnologias e seus recursos apresentam-se pela primeira vez. Entretanto, como todos os alunos de qualquer modalidade de ensino, ainda podemos citar dificuldades como a interpretação da solicitação feita pelo professor, a dificuldade na escrita para a elaboração das suas atividades, a falta de

responsabilidade e comprometimento, e a instabilidade emocional deles, fatores que afetam o aproveitamento e desempenho dos discentes de qualquer processo de “aprender a aprender”.

Portanto todo o processo de conhecimento apresenta dificuldades, mas com determinação e persistência, essas objeções podem ser abordadas como parte da aprendizagem, inclusive o domínio das tecnologias.

Quanto a algumas dificuldades que dependem do aluno, como o controle emocional e a sua dedicação ao trabalho desenvolvido, não temos como ser determinante. Apenas podemos incentivar e apoiar. Para outras dificuldades, como o manuseio do equipamento e esclarecimento das solicitações feitas pelos professores, o auxílio é constante e eficaz, seja pelo próprio professor como pelo tutor.

No que tange aos recursos tecnológicos, são visíveis as dificuldades dos alunos de hoje com o uso das tecnologias, como internet, scanner, impressoras etc. Mas não podemos esquecer que a nova geração, criada e acostumada com as tecnologias, utiliza todos os recursos disponíveis com naturalidade, sendo que, cada vez mais, têm facilidade de atuar com destreza, criatividade e criticidade no ambiente virtual. Concordamos com os autores VENN e VRAKING (2006, p. 29 e 30) quando afirmam que:

Os usos dessas tecnologias influenciaram o modo de pensar e o comportamento do Homo Zappiens. Para ele, a maior parte da informação que procura está apenas a um clique de distância, assim como está qualquer pessoa que queira contatar. Ele tem uma visão positiva sobre as possibilidades de obter a informação certa no momento certo, de qualquer pessoa ou de qualquer lugar. O Homo Zappiens aprende muito cedo que há muitas fontes de informações e que essas fontes podem defender verdades diferentes. Filtra as informações e aprende a fazer seus conceitos em rede de amigos/parceiros com que se comunica com frequência. A escola não parece ter muita influência em suas atitudes e valores. (...)

Tutores opinando:

Para entender na prática, as dificuldades vivenciadas por alunos na EAD, alguns tutores responderam a seguinte questão: “Quais as dificuldades vivenciadas pelas alunas em relação as aprendizagens na EAD?”. Das respostas tabuladas, o manuseio da tecnologia, a má

administração do tempo, e do uso do espaço na Rede limitam o registro das reflexões das alunas, quando reclamam da ausência de horário para desenvolver as atividades, e o domínio do uso da tecnologia, a falta de interação presencial entre colegas, já que as postagens são feitas em um universo individualizado, uma vez que não há sintonia entre horários e produção, também há referência ao número de horas trabalhadas nas Escolas, há casos em que alunas trabalham de 40 a 60 horas semanais e ainda foi apontado que a falta de interesse em dominar a tecnologia, por parte do aluno, também pode dificultar a aprendizagem nessa modalidade e justificar a necessidade de se ter o Tutor como um recurso humano no processo.

Frente ao novo *homo zappiens*, geração assim definida por VEEN e VRAKKING (2009), em seu livro “Homo Zappiens: educando na era digital”, considerado aquele que nasceu na era da tecnologia, precisamos repensar o modo como a escola, ambiente formal de educação, interage com essa nova geração. Não podemos ter a pretensão de continuar “ensinando” os alunos como se as novas tecnologias não influenciassem o comportamento deles. Ora, como podemos pretender que um aluno se interesse por uma aula longa expositiva quando ele interage, normalmente, com diferentes pessoas via *msn*, *skype* e *chat* enquanto realiza uma pesquisa na internet?

A educação à distância surge como uma alternativa moderna para as questões de acessibilidade e qualidade de ensino. Até mesmo nas aulas presenciais, no formato tradicional que conhecemos da escola, a informática, internet e outros recursos tecnológicos modernos começam a ser utilizados de forma frequente, percebendo-se que o avanço tecnológico veio para ficar.

Nesse sentido, poderia assim indagar como uma instigação pedagógica: para que serve, então, uma educação tecnológica? Arrisco uma resposta: para formar um indivíduo, na sua qualidade de pessoa humana, mais crítico e consciente para fazer a história do seu tempo com possibilidade de *construir* novas tecnologias, fazer uso da crítica e da reflexão sobre a sua utilização de forma mais precisa e humana, e ter condições de, convivendo com o outro, participando da sociedade em que vive, transformar essa sociedade em termos mais justos e humanos. (GRINSPUN, 2001, P.29)

Assim como GRINSPUN, acreditamos que uma sociedade mais justa e humana somente acontecerá quando a educação for realmente democratizada, permitindo que o conhecimento seja um bem de todos e não mais de alguns. A educação à distância, apesar de

bastante recente na história do nosso país, está demonstrando que tem condições de ser uma grande aliada na luta por um país mais justo, transformando a sociedade por meio da educação e do conhecimento.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Maria de Fátima S. O.; REZENDE, Flavia. A prática dos tutores em um programa de formação pedagógica a distância: avanços e desafios. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 10, n. 20, dez. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832006000200014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 set. 2009. doi: 10.1590/S1414-32832006000200014

BELLONI, Maria Luiza. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 78, abr. 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 set. 2009. doi: 10.1590/S0101-73302002000200008.

BOUCHARD, Paul. **Autonomia e distância transacional na formação a distância**. In: ALAVA, Séraphin. Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed, 2002.

DEMO, Pedro. **Questões para a teleeducação**. 3 ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GATTI, Bernardete A.. **Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, abr. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 ago. 2009. doi: 10.1590/S1413-24782008000100006.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabroza Zippin. **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MEIRELLES, Mauro e BOLL, Cíntia Inês. **Licenciados em EAD: o desafio da construção de espaços hipermididáticos de formação**.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300019&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 set. 2009. doi: 10.1590/S0101-73302007000300019.

NUNES, Edson. **Desafio estratégico da política pública: o ensino superior brasileiro**. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 41, n. spe, 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122007000700008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 ago. 2009. doi: 10.1590/S0034-76122007000700008.

SARAIVA, Terezinha. **Educação a Distância no Brasil: lições da história.** Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 70, abr/jun.1996. SANTOS, Daniela. **Revisão de literatura: educação à distância.(online)** Disponível em <http://www.artigos.com/artigos/sociais/administração/treinamento/revisao-da-literatura:-educacao-a-distancia-2820/artigo/> Acesso em julho de 2008.

VEEN, Wim e VRAKKING, Ben. **Conhecendo o *Homo Zappiens*.** In: VEEN, Wim e VRAKKING, Ben. *Homo Zappiens: educando na era digital.* Porto Alegre: Artmed, 2009.

<http://aol.universia.com.br/materia/img/ilustra/2007/dez/artigo/ALESP-dez-2007.pdf>, Acesso em março de 2010.